

## CERVANTES E A NOVELA PICARESCA

Prof. Dionisio Fuertes Alvarez

Todos os países têm algo de que gloriar-se com relação à literatura. Quase todos podem apresentar e apresentam um número mais ou menos considerável de obras primas de poesia, de teatro ou de ficção, com os quais alimentam a sua vaidade nacional e o prestígio de cultura perante os estrangeiros.

Todos os países têm poetas, dramaturgos, romancistas, historiadores, ensaístas dignos duma consideração e duma glória muito maiores do que aquela que a fama internacional lhes outorga, já que a fama internacional não se distingue precisamente pela justiça com que galardoa os verdadeiros valores.

Todos os países se orgulham pois, de ter grandes literatos e grandes obras literárias; nem todos, porém, podem se orgulhar de ter dado à cultura mundial novos gêneros literários, isto é, o privilégio de muito poucas literaturas verdadeiramente criadoras. A literatura grega tem, neste sentido um valor verdadeiramente incalculável e nunca bastante ponderado. Quase todos os gêneros literários cultivados no mundo ocidental têm sua origem na cultura verdadeiramente prodigiosa daquela pequena nação mediterrânea, mãe e iniciadora de todas as nossas culturas.

A poesia lírica em suas diferentes modalidades, a poesia épica, as diferentes espécies de teatro, e romance, o ensaio filosófico: quase tudo o devemos à Grécia. Tudo foi, senão criação absoluta dos heleños, ao menos assimilação e remodelação de formas anteriores oriundas das misteriosas civilizações orientais, ricas de vida cultural e artística, e pouco conhecidas por nós.

A Espanha é um dos poucos países ocidentais que podem se orgulhar de ter criado vários gêneros literários, aumentando assim, não

só a expressão mas o modo de expressar os valores culturais; o veículo da expressão do pensamento.

Entre os gêneros literários criados na Espanha, destacam-se três pela sua importância histórica, e pela quantidade de obras primas que produziram: o ROMANCE PICARESCO, de que nos ocuparemos especialmente nesta conferência, e AUTO SACRAMENTAL, em que Calderón de la Barca produziu obras impercedouras, e o ROMANCEIRO POPULAR, gênero literário em que toda uma nação pôde expressar os seus anseios, desejos e vivências poéticas.

Dos três gêneros mencionados, o ROMANCE PICARESCO é o que maior fortuna teve, o que maior número de obras produziu, o que permanece vivo e operante até os nossos dias e o que mais chegou a ser conhecido e mesmo praticado fora da Espanha.

Era pelo ano de 1554, quando fazia furor na Espanha a literatura cavalleiresca. Centenas de romances cavalleirescos inundavam o mercado literário da Espanha, então no seu auge político e cultural. Em todas as famílias liam-se e comentavam-se com fruicção as aventuras dos cavaleiros andantes. Desde as mais altas personagens da corte até os mais humildes trabalhadores, conheciam e comentavam as nunca vistas nem ouvidas façanhas de Amadis de Gaula e de todos os seus descendentes, matando monstros, libertando donzelas ou vencendo exércitos inteiros. A literatura cavalleiresca chegou a ser considerada por críticos e moralistas como uma verdadeira praga nacional.

Ora, a literatura cavalleiresca, inteiramente idealista e fantástica, não respondia ao verdadeiro espírito nacional e à verdadeira índole do povo espanhol essencialmente realista. Este espírito exigia pelo menos o contrapêso duma literatura oposta já que o povo da Espanha é ao mesmo tempo idealista e realista, e amigo dos extremos. Idealismo e realismo, escreve Ludwig Pfandl em sua INTRODUÇÃO À IDADE DE OURO, são o verso e reverso da medalha do caráter do povo espanhol.

Foi então quando apareceu em Burgos um romance anônimo, O LAZARILHO DE TORMES, que deveria ser o princípio da reação contra todos os idealistas exagerados da literatura cavalleiresca, e o princípio de uma literatura de feição inteiramente oposta, realista e prática, captadora de todas as minúcias da vida cotidiana, criadora do anti-herói e do anticavaleiro andante: criadora do PÍCARO. Um novo gênero aparecia na Espanha.

O LAZARILHO DE TORMES teve uma repercussão imensa, e deu início a uma corrente que não deixou ainda de fluir e de produzir, na Espanha e em outros países, obras de valor indiscutível. Muitas das obras primas da nossa literatura como algumas obras de Cervantes, Quevedo, Mateo Alemán, Vicente Espinel pertencem a esse gênero.

O romance picaresco é aquêl que tem como protagonista o PÍCARO, nome que poderia ser traduzido para o português, embora imperfeitamente por MALANDRO, ou por VELHACO.

O PÍCARO é um personagem de baixa estirpe, esfarrapado e faminto; mas estóico, inteligente, hábil para sair-se bem de qualquer dificuldade, e especialmente divertido, gracioso e sempre de bom humor. O PÍCARO as mais das vêzes é criado dum aristocrata, mas pode ser também um homem sem officio, que vive de expedientes, de esmolas ou de pequenos furtos. O PÍCARO nunca é um grande criminoso, mas também nunca tem escrúpulos de consciência. Mas é simpático, e tudo lhe é facilmente perdoado graças ao modo subtil, elegante e gracioso com que sabe valer-se, rindo de tôdas as misérias da sociedade e das suas próprias misérias.

Gregório Marañón, em prólogo à edição do LAZARILHO feita pela Editôra Espasa-Calpe em sua Coleção Austral, declara-se abertamente contrário à literatura picaresca, taxando-a de imoral, de corruptora dos costumes e de prejudicial ao bom nome da Espanha, ainda que lhe reconheça extraordinários valores literários. "É evidente — afirma Marañón, — que pode-se ser velhaco com um certo primor que convida a perdoar a velhacaria. Mas na novela picaresca o velhaco é algo mais do que um semvergonha simpático; é sempre o protagonista inteligente, hábil, engenhoso, perante o qual todos os obstáculos se esfumam; é em suma, o herói".

Talvez exagere Marañón quanto à imoralidade dos romances picarescos, pois não é certo que a malandragem seja sempre glorificada. Ela não o é, em todo caso, como trataremos de ver, nas obras do maior de todos os autores de obras picarescas, que é o próprio Cervantes. Onde Marañón tenha talvez mais razão é onde êle afirma que a novela picaresca deu aos estrangeiros uma imagem desfigurada e grotesca da Espanha e dos espanhóis. "A fôrça de ler êsses livros — escreve êle — e de não ler outros, foi se formando no estrangeiro a idéia de que tôda a grande Espanha da epopéia foi uma Espanha picaresca". Isto é, uma Espanha de pobretões velhacos e de malandros inteligentes, graciosos e divertidos. Não resta dúvida de que o romance picaresco forneceu argumentos e idéias aos autores da LEYENDA NEGRA, mas não é menos certo que os inimigos da Espanha, com novela picaresca ou sem novela picaresca, teriam da mesma forma arrastado pelo lodo o nome da nação que combatiam pelas armas e pela guerra intellectual mais persistente e eficaz de que se tem memória. Ainda nos nossos dias autores desprevenidos citam como verdades indiscutíveis afirmações inteiramente forjadas pela guerra intellectual, isto é, pela LEYENDA NEGRA antiespanhola.

Sem dúvida, o romance picaresco é uma literatura mais própria para uso interno do que para uso externo, assim como o são certas conversas, que podem ser permitidas e mesmo úteis no seio da fami-

lia, mas que não devem sair dos seus limites. A roupa suja, diz muito bem o povo, deve se lavar em casa.

Mas importa pouco o uso que possam fazer os mal intencionados. O malandro, o vagabundo e mesmo o criminoso existem igualmente em tôda parte, e nenhum país do mundo tem disso a exclusividade. A Espanha porém tem a exclusividade de ter criado, com o pícaro como protagonista, um gênero literário esfusante de alegria, de talento, de inteligência, de graça, de sátira social, de malícia e de humor.

O romance picaresco parece ser a desforra do pobre, cheio de espírito e de humor, que, não podendo gozar das delícias que proporciona a riqueza, o poder e a nobreza, e não querendo-se resignar a deixar de ser feliz, tira alegria de tudo, e ri gostosamente do que está ao seu redor, sabendo encontrar o lado humorístico da vida e rindo até das suas próprias fraquezas e da sua própria miséria. Nesse sentido, o romance picaresco é literatura dum povo são, e notável lição de otimismo e grandeza de alma. Os caracteres fracos deixam-se abater pela desgraça e caem no desânimo e na melancolia sempre que os seus desejos não se realizam. O PÍCARO ao contrário, sempre acha um expediente para continuar vivendo e para continuar rindo, de si e dos demais. Se é verdade que o sofrimento e a fome aguçam o engenho, o romance picaresco espanhol parece ser uma prova, pois é difícil encontrar em nenhum gênero literário de qualquer literatura tal esbanjamento de esperteza, engenho, malícia, agudeza, espírito e inteligência. Se êsse gênero peca, é por excesso de inteligência; nunca por falta.

Embora diversas literaturas tenham obras que de algum modo possam lembrar o romance picaresco, êle ficou restringido quase inteiramente à literatura espanhola, onde, por razões de índole de povo, prosperou e produziu grande número de obras notáveis.

Em França chegou a produzir obras primas também como é o caso de GIL BLAS DE SANTILLANA e o DIABLE BOITEUX, ambos de Le Sage, mas nesse caso o autor foi beber de tal forma em fontes espanholas, que seus livros mais parecem obras da Espanha que da França. "Le Diable Boiteux" é mais que uma imitação, um verdadeiro plágio de "El Diablo Cojuelo" do espanhol Vélez de Guevara, e, para a composição de "Gil Blas", o autor saqueou os diversos romances picarescos espanhóis, principalmente o "Marcos de Obregón", de Vicente Espinel.

Também ao Brasil se estendeu o gênero picaresco nascido na Espanha. A mais importante de tôdas as produções picarescas aparecidas no Brasil e que tem tôdas as características do gênero, é o romance "Memórias de um Sargento de Milícias" de autoria de Manoel Antônio de Almeida. Como todos os romances dessa espécie tem êle como protagonista um verdadeiro pícaro, está escrito em forma autobiográfica, é satírico sem amargura e está tingido dum sadio bom-

humor. Não é um grande romance e tem numerosos episódios um tanto vulgares, mas é reconhecido pela crítica como obra valiosa da literatura brasileira, e Mário de Andrade tinha por êle verdadeira admiração.

Mas venhamos a Cervantes como autor de obras picarescas. Cervantes é sem dúvida alguma o maior de todos os cultivadores do gênero. Há quem estime que o foi Quevedo, mas deve ser por um erro de perspectiva. Quevedo foi o mais descarado e violento satirico da nossa língua, tinha mais cultura do que Cervantes, e usou e abusou de todo o dicionário da língua castelhana, mas êle porejava pessimismo e amargura, não possuía o equilibrio de Cervantes nem, principalmente, aquêle altíssimo e nobilíssimo amor ao homem e à Humanidade que caracteriza o autor do Quixote. Se zombar de tudo e de todos, se desmascarar com ironia feroz tôdas as mazelas da sociedade fôsse a essência do romance picaresco ninguém seria maior no gênero do que o foi Quevedo. Mas o romance picaresco não é isso, e a leitura da obra de Quevedo deixa no ânimo do leitor um gôsto amargo de desânimo e de tristeza, bem ao contrário do que acontece com a leitura das obras de Cervantes.

Mateo Alemán é o autor do maior romance picaresco, intitulado "Guzmán de Alfarache", escrito com um estilo perfeito, e que mereceu a honra de ser pôsto entre as obras clássicas escritas em nosso idioma; mas a obra de Alemán é cansativa para um leitor moderno, e se estende em digressões morais muito do gôsto da época, mas que prejudicam a obra como romance.

Vicente Espinel escreveu um dos livros mais equilibrados e graciosos da espécie intitulado "Vida de Marcos de Obregón". Nêle é que veio se inspirar principalmente Le Sage para a composição do seu Gil Blas. "Marcos de Obregón" é, entre todos os livros da imensa produção picaresca espanhola — excetuando-se Cervantes — o que se pôde ler com maior agrado e proveito entre os dêsse tipo de literatura da Idade de Ouro espanhola.

Mas Espinel não tem nem a cultura, nem o talento, nem a experiência de Cervantes, e é êste, indiscutivelmente quem alcançou as culminâncias do gênero embora não se tenha dedicado a êle senão em obras de menor vulto.

A vida tinha preparado especialmente Cervantes para compreender a mentalidade do pícaro e para observar-lhe a conduta. A parte de sua excepcional inteligência, do seu espírito de observação, de seu caráter compreensivo levado para o humor e a sátira benévola e otimista, Cervantes teve de conviver, bom ou mau grado, com pícaros de tôdas as espécies e proveniências: mendigos, estudantes, criados, soldados, marinheiros, presos, etc. Que vida para um livro de memórias!

A vida não foi generosa para com êle no tocante a comodidades e prazeres, mas foi superabundantemente generosa em bens muito mais

importantes, pelo menos para nós que lhe herdamos as obras: foi-lhe generosa em experiências e em sofrimentos.

Nasce na cidade universitária de Alcalá de Henares, e êle, que deverá ser o sábio por excelência, não poderá seguir cursos universitários.

Tem de fugir da Espanha e vai a Roma, onde serve de camareiro a um cardeal, vivendo num meio inteiramente novo e vedado à maioria dos mortais.

Mas a Pátria o chama para a guerra, e êle se apresenta o primeiro para lutar no ponto de maior perigo. É gravemente ferido em Lepanto e escapa por um triz à morte, mas nem porisso desiste da empreza, e milita ainda nos exércitos de João de Austria. Dêste recebe muitas promessas, mas nenhuma recompensa. Navegando para a Espanha cai em mãos de piratas turcos, e permanece em Argel cativo, no meio do mais horroroso tratamento, nada menos que cinco anos. Quatro vêzes intenta libertar-se e libertar seus companheiros organizando a fuga, mas é descoberto e condenado a ser esfolado vivo, tendo-o salvo dessa pena a esperança que seu amo tinha de conseguir por êle avultado resgate em dinheiro. Resgata-o do cativoiro um frade trinitário e consegue voltar para a Espanha, mas as suas desventuras não terminam. Primeiro quer viver como dramaturgo em Madrid, mas fracassa financeiramente. É então nomeado coletor de impostos, e, na verdade, coleta bastante dinheiro para o Estado, mas muito pouco para si. Pede um pôsto na administração das colônias americanas, mas respondem-lhe que êle lhe seja dado na Espanha mesmo, e continua como coletor. Pagam-lhe com atraso o seu salário, e alguma vez nem lhe pagam.

Então as desgraças se precipitam: Primeiro, lhe diminuem o salário. Segundo: morre o banqueiro em que depositava o dinheiro recolhido. Terceiro: põem-no na prisão. Quarto: enforcam como ladrões os homens que êle serve. Quinto: põem-no novamente na prisão... Compreendem que esmiuçar tôdas estas andanças seria longo demais.

Pois bem — e aqui está a coisa mais admirável —, é então quando Cervantes sorri da melhor vontade, e não somente sorri como faz sorrir tôda a Humanidade. É então, estando prêso em Argamasilla, quando escreve o livro mais alegre e divertido do mundo, o Dom Quixote de la Mancha.

Ainda poderíamos continuar a interminável lista das desgraças. Publicado o Quixote, e já coberto de glória, é novamente levado ao cárcere, esta vez por problemas de honra familiar. É declarado inocente, mas as desgraças vêm-lhe por outra parte: os seus livreiros roubam-lhe o dinheiro que poderiam produzir os seus livros já conhecidos no mundo inteiro. Enfim, morre na pobreza, em que sempre viveu.

Resumindo: Cervantes é desterrado, camareiro em Roma, soldado, ferido de guerra, cativo de piratas, escravo, coletor de impostos,

excomungado, pretendente dum emprêgo nas Indias Ocidentais e presidiário. Aí está uma vida que não é propriamente a de um PÍCARO, mas que transcorre entre pícaros, não de romance, mas da vida real e verdadeira. Quem melhor do que êle poderia escrever romances picarescos?

Na verdade Cervantes escreveu somente uma novela que pode ser classificada verdadeiramente e inteiramente dentro do gênero picaresco. É a que leva o título de RINCONETE Y CORTADILLO. Todas as outras, embora com muitos elementos da picaresca, pertencem, em seu conjunto a diferentes gêneros. De RINCÓNETE Y CORTADILLO falaremos mais pormenorizadamente ao concluir esta palestra.

Tanto a vida como o caráter de Cervantes propendiam para a utilização em grande escala do elemento picaresco em seus escritos, por isso podemos dizer que em quase todas as obras de Cervantes o elemento picaresco está presente em maiores ou menores proporções.

O "Coloquio de los Perros" é uma novelazinha dialogada que pela sua estrutura nada tem a ver com a picaresca, mas que na realidade maneja o elemento picaresco de principio a fim. Cervantes é quase sempre original na estrutura de suas obras e foge à imitação dos romances em voga. Nesta, os protagonistas principais são dois cães que dialogam no Hospital da Ressurreição de Valladolid. Mas ocorre que os dois cães são dois verdadeiros pícaros se é que aos animais se pode estender a picaresca. O relato do cão chamado Berganza, feito em primeira pessoa, e contando as aventuras que viveu servindo diversos amos, se parece ao relato que faz o LAZARILLO DE TORMES da sua própria vida.

Duas coisas, porém, são notáveis na picaresca do diálogo dos cães: a primeira é que, em toda essa história de homens e bestas, os únicos verdadeiramente honestos são os cães êles mesmos, em contraposição com as criaturas humanas que na história aparecem, que são ladrões, fingidos e trapaceiros. Não cremos que seja isso casual, e tudo leva a crer que Cervantes quis nos dizer e nos diz que o homem, deixando-se levar pelo interesse e pelo egoísmo, degrada-se ao ponto de ficar abaixo dos irracionais, naturalmente inocentes em sua animalidade.

A segunda é que Cervantes, apesar de todas as razões que teria para agredir a Humanidade, não se deixa arrastar pelo mau humor e pelo pessimismo, nem perde o equilíbrio e o justo meio. Êle sabe que sobre a terra existem bons e maus, justos e injustos, e não quer envolver a todos em suas acusações. Assim põe êle na boca do cão Cipião as seguintes graciosas e justas restrições: "Sim, que falar mal de um não é falar mal de todos; sim, que muitos e muitos escrivães há bons, fiéis e legais, e amigos de dar gosto sem dano para terceiros; sim, que nem todos alimentam os processos, nem avisam as partes, nem levam mais do que lhes pertence, nem vão buscando e inquirindo vidas alheias para pô-las em juízo, nem se aliam ao juiz para entrar

com êles em vergonhosos conluios; nem todos os policiais se acertam com os vagabundos e jogadores; nem todos têm as amigas que teu amo tinha para fazer os embustes. Muitos e muitos há, fidalgos por natureza e de fidalgas condições..."

Outra obra curiosa de Cervantes é "O Licenciado Vidriera". Também, exteriormente não tem nada que o ligue aos romances picarescos, mas tem grande número de elementos picarescos. Nesta obra Cervantes inventa um novo tipo de louco: o louco que se julga feito de vidro transparente e frágil, e que foge de todo encontro com pessoas ou com objetos por medo de quebrar-se. Mas ao mesmo tempo que atacado por essa estranha loucura, o licenciado é dotado de uma estranha sabedoria, e a situação permite a Cervantes de nos apresentar uma coleção de sentenças e frases curiosas, cheias de humor satírico e de crítica mordaz, fustigando os vícios da sociedade e desmascarando o ridículo de muitos dos seus usos e costumes. A situação é cômoda para Cervantes: o que não se pode pôr na lingua dum louco? Querem ver como o louco Vidriera fala dos poetas? Quando alguém lhe diz que os poetas são pobres êle responde que é porque êles são tolos e não sabem aproveitar, já que as damas dos poetas — se devemos acreditar nêles — são sempre riquíssimas, pois têm "os cabelos de ouro, a testa de prata polida, os olhos de verdes esmeraldas, os dentes de marfim, os lábios de coral, a garganta de cristal transparente. As lágrimas que elas choram são sempre líquidas pérolas. O chão que elas pisam só produz rosas e jasmims. O seu alento é puro âmbar, almiscar e algalia. E tudo isso não é mais do que uma amostra dos seus ricos tesouros..."

Picarescas são também, em maior ou menor grau muitas outras obras de Cervantes, como "El Casamiento Engañoso", "La Tia Fingida", "El Celoso Extremeño", "La Ilustre Fregona", "La Gitanilla", etc.

Nesta última tem Cervantes uma invectiva contra os ciganos que faz pensar a Valbuena Prat que em suas constantes correrias pelos campos de Castela, mais duma vez o autor deve ter sido em alguma maneira prejudicado por êsses bandos de vagabundos. Só dessa forma se explicariam as duras palavras que escreve contra êles quando diz: "Parece que os ciganos e ciganas só vêm ao mundo para ser ladrões; nascem de pais ladrões, criam-se entre ladrões, estudam para ladrões, e, finalmente saem ladrões de mão cheia; a vontade de furtar e o furto são nêles acidentados inseparáveis que não os abandonam senão com a morte".

Nas comédias sérias de Cervantes não faltam, ainda que sejam mais raras as passagens da verdadeira picaresca, mas as suas peças curtas, ou "Entremeses", pode dizer-se que são de matéria inteiramente picaresca. Assim o "Retablo de las Maravillas", "La Guarda Cuidadosa", "La Elección de los Alcaldes", "El Vizcaino fingido", "Los Habladores", etc.

Um estudo especial mereceria, no Quixote, a figura de Sancho Pança como pícaro duma categoria especialíssima. Sancho Pança é

indiscutivelmente um pícaro, mas um pícaro ao mesmo tempo diferente e superior a todos os pícaros da vasta produção picaresca espanhola. Ele é de origem popular como os demais pícaros, mas não de origem dúbia como a maior parte deles, pois ele é "Cristiano Viejo", e disso se gloria como qualquer nobre. Também é malicioso, egoísta, glutão e um tanto trapaceiro, mas é de índole fundamentalmente sã e nobre; tem um fundo de honestidade que jamais se desmente; tem uma religiosidade sincera e sadia que em nada se parece à religiosidade supersticiosa e ignorante dos demais pícaros; ama sinceramente seu amo, e, se alguma vez o engana é muito mais por amor que por egoísmo. Além disso tem um cabedal de sabedoria onde parece que sedimentaram tôdas as experiências dos séculos, e que ele vai desafiando numa série de rifões, sentenças e provérbios de nunca acabar. Sancho pertence a um supernaturalismo que nada tem que ver com o naturalismo histórico que chafurda na lama e não é mais do que um idealismo às avessas. Sancho é a realidade cotidiana retratada pelo gênio. Sancho é muito mais do que UM pícaro: é O pícaro por excelência.

Dois tipos de romance expressavam os dois extremos do caráter espanhol, o romance de cavalaria e o romance picaresco. Cervantes os junta num mesmo livro genial e nos dá ao mesmo tempo o mais perfeito cavaleiro andante em Dom Quixote e o mais perfeito pícaro em Sancho Pança. O Quixote é assim a obra prima das duas correntes literárias.

Mas a criação picaresca por excelência de Cervantes é a pequena novela intitulada "Rinconete y Cortadillo". Nesta novela, Cervantes não nos apresenta apenas um ou mais protagonistas pícaros mas nos pinta a vida picaresca como tal. Pode dizer-se que a verdadeira protagonista da obra é a sociedade dos pícaros de Sevilla. Isto permite a Cervantes nos traçar um vasto painel sobre a vida dos pícaros, a sua organização, a sua psicologia e as suas atividades. É um verdadeiro manual da picaresca e excede porisso em importância a tôdas as demais obras do gênero. O seu exíguo tamanho não lhe impede que seja uma obra prima de penetração social, uma perfeita novela e um modelo de estilo.

As figuras principais são dois jovens inteligentes, hábeis e simpáticos, caídos na vida pícaro por coincidências de origem e falta de educação. Seus nomes eram RINCONETE e CORTADILLO. Rinconete era perito no manejo das cartas e dos dados, fazendo com eles verdadeiros milagres, ainda que nem sempre dentro das regras da lisa e da justiça. CORTADILLO sabia como ninguém manejar a tesoura, e dessa habilidade se servia freqüentemente para cortar bôlsas alheias cheias de moedas, que fazia desaparecer com incrível presteza fazendo jus ao seu nome de Cortadillo.

As habilidades de ambos fizeram que fôsem propostos para fazer parte da grande confraria dos ladrões e pícaros de Sevilla, e que

fôsem aceitos na mesma após uma prova a que previamente se submeteram.

Essa confraria era organizada, dirigida e governada pela extraordinária figura de MONIPODIO, "pai, mestre e amparo" de todos os ladrões da cidade, que os reunia em sua casa, chamada LA ADUANA DE MONIPODIO.

Monipodio era chefe indiscutível de todos os ladrões e pícaros sevillanos. Ele lhes dava leis e instruções para roubar; lhes ensinava gestos e atitudes para provocar a compaixão; lhes distribuía roupas para mendigar; para espiar ou para assaltar; lhes pedia conta de roubos e de esmolos; lhes distribuía nomes fingidos; lhes dava recompensas e castigos, e, naturalmente, lhes roubava a maior parte das suas colheitas. Quem não pertencesse à companhia de Monipodio estava certo de não prosperar nem como mendigo nem como ladrão em Sevilla.

Cervantes nos descreve as reuniões na casa de Monipodio. Ali tinham as suas festas e as suas orgias. Ali se reuniam com as suas amigas que também faziam parte da confraria, desempenhando officios adequados ao seu sexo. Ali distribuíam os lucros. Ali convidavam e recebiam às vészes os policiais com os quais tinham relações de amizade e convivência, e que lhes facilitavam e mesmo protegiam as operações difíceis.

Enfim: RINCONETE e CORTADILLO não é apenas uma novela picaresca, mas a pintura e descrição da picaresca como tal.

Há pouco mais de um ano, uma companhia de teatro representou no Teatro Leopoldina, de Porto Alegre a OPERA DOS TRÊS VINTENS de Berthold Brecht. Nunca li nos periódicos locais que o autor se tivesse inspirado em Cervantes para a composição dessa ópera, mas, para fazer justiça a Cervantes, é preciso dizer que essa inspiração é evidente, e raia quase os limites do plágio. Senão vejamos: Na obra de Brecht se apresenta um sindicato de mendigos e ladrões. Esse sindicato tem um chefe onipotente que os reúne em sua casa, que lhes dá instruções para pedir e roubar, que lhes distribui as roupas mais apropriadas para seu officio, que os explora e lhes rouba a maior parte do lucro, que tem relações com a polícia para poder agir à vontade e reparte com ela o produto do roubo, que celebra em sua casa, com os associados, verdadeiras orgias... são demasiadas coincidências com Cervantes para pensar em mero acaso.

O RINCONETE Y CORTADILLO de Cervantes não é, com tudo isso, uma obra pessimista, nem imoral, nem prejudicial ao bom nome da Espanha. Cervantes sabe como ninguém distinguir o bem do mal, e repartir a aprovação e a censura. Monipodio é taxado de "hombre bárbaro, rústico y desalmado", os homens que o rodeiam, de "desalmada y contraria a la propia naturaleza", e a vida que levam, de "perdida, mala, inquietante y disoluta". Por outro lado, ao final da obra, Cervantes nos apresenta RINCONETE aconselhando seu companheiro a deixar quanto antes tão pernicioso companhia. Estamos evidente-

mente diante dum realismo à sátira e correção dos vícios da sociedade.

Cervantes é pois o grande autor da literatura picaresca na Espanha. As suas obras têm toda a graça, o DONAIRE, a malícia, o humor e a sátira dos grandes autores da picaresca e não apresentam nenhum dos defeitos que são apontados por vezes nos demais.

O próprio Marañón, que censura a picaresca em geral, faz mesmo, e com toda a razão, uma exceção para Cervantes, quando no prefácio já citado êle escreve: "Poderiam excluir-se (destas censuras) alguns destes livros escritos por espiritos generosos, porque nêles, a pintura da hõrra da sociedade conduz a nobres conclusões éticas: tal Cervantes que intitula precisamente NOVELAS EXEMPLARES, as mais belas e realistas páginas que se tenham escrito sobre a vida dos picaros espanhóis. Exemplares são porque, de fato, ao lado da emoção literária incomparável, um sentimento de bondade e de otimismo, e uma moral cheia de cândida mas piedosa vitória da justiça e da bondade sobre o mal".

Na IDADE DE OURO da literatura espanhola, cultivaram-se na Espanha o romance cavalheiresco, o picaresco, o pastoril, o histórico, o sentimental, o de aventuras, ... Cervantes é o primeiro e o melhor em todos êsses gêneros, e, o que é mais, reúne-os por vezes num só, como é o caso do Quixote e faz uma literatura sem antecedentes nem descendentes, a que somente caberia o nome de universal ou cervantina: o gênio nem se classifica, nem se determina, nem se transmite: é dom de Deus, e só o tem aquêle a quem Deus houve por bem outorgá-lo.